



NATAL DOS FRÁGEIS

HOMILIA NO ENCERRAMENTO DA VISITA PASTORAL À PÓVOA DE LANHOSO

21 Dezembro 2014 – Igreja de N. Sra. do Amparo, Póvoa de Lanhoso – 15h

Este IV Domingo do Advento assinala a última etapa da nossa caminhada de preparação para o Natal do Senhor. Quatro semanas para recapitularmos toda a nossa vida, o nosso compromisso com a Igreja e a nossa fé em Deus. Quatro semanas que se fazem breves quando temos diante de nós a meta de, à semelhança de Maria, estarmos prontos para o inesperado. O inesperado assusta-nos em qualquer circunstância.

O Evangelho desde Domingo fala-nos precisamente desse encontro inesperado e da força de certas palavras que perturbam (Lc 1, 29). Por vezes, a perturbação corresponde a um simples *espanto*, *surpresa*. Outras vezes é a perturbação própria de quem «vê todos os seus temores caírem sobre si» (cf. Jb 3, 25) e sofre por antecipação ao imaginar um futuro caótico ou um presente sem futuro.

Quando alguém está em dificuldades, procura sempre colher um sentido. No limite, até inventa uma justificação. Não existe maior sofrimento do que não saber porque se sofre. Por isso é importante, da parte de quem acompanha alguém nessa condição, entrar em sintonia com ela, criar empatia, fazer perceber que se intui o seu sofrimento ou perturbação. O *sentido* que todos procuram quer também dizer *direcção*, isto é, o acompanhante é chamado a direccionar o sofrimento do frágil.

Temos hoje – no encerramento das visitas pastorais ao arciprestado da Póvoa de Lanhoso – uma eucaristia onde estão presentes diversas pessoas debilitadas e frágeis. A vida humana está também marcada, como sabemos, por perturbações de ordem física, psíquica e mental. Ainda que sendo factor de constrangimento, a doença, em caso algum, pode ser vista como fonte de desespero e sinónimo de ausência de vida. No dia do casamento, os noivos unem as suas mãos direitas, olham-se nos olhos, e dizem «prometo ser-te fiel, amar-te e respeitar-te, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias da nossa vida». Alegria, tristeza, saúde e doença são forças da natureza que, em igual medida, compõem a nossa vida. Enferma e infértil é, sim, uma sociedade incapaz de cuidar dos seus frágeis e os exclui tendo por base critérios de utilidade e eficácia.

Se nada do que é humano é estranho à Igreja, também o mundo do sofrimento lança desafios ao agir pastoral da Igreja. Na verdade, a pastoral é o agir da Igreja na história e, através desta acção, é o próprio Cristo quem age. Não basta, por conseguinte,



afirmar que a sociedade deve cuidar dos mais frágeis. Uma Igreja ou uma comunidade cristã que não cuide dos seus frágeis está também ela ferida de morte e traiçoeira a vontade do seu Mestre.

Como concretizar, então, este imperativo divino? Creio que, antes de mais, teremos redescobrir a pastoral da saúde. Esta pastoral interessa-se pela saúde e pela doença como dois focos, dois pilares constitutivos da pessoa. A salvação que Cristo oferece, por intermédio da Igreja, a toda a humanidade é uma salvação para a pessoa como um todo. Mesmo quando, por exemplo, um paciente sai do hospital, a Igreja deve continuar a acompanhá-lo e manifestar-lhe que a sua aproximação anterior não foi instrumental ou interesseira.

Por outro, é inequívoco que o mundo da dor merece, da nossa parte, uma atenção especial. Diz a este propósito a Carta Apostólica *Salvifici Doloris* do Papa João Paulo II que “a Igreja, que nasce do mistério da Redenção na Cruz de Cristo, tem o dever de *procurar o encontro* com o homem, de modo particular no caminho do seu sofrimento. É em tal encontro que o homem «se torna o caminho da Igreja»; e este é um dos caminhos mais importantes” (*Salvifici Doloris* 3).

Dizia no início que a questão do *sentido* é também uma questão de *direcção*. Para onde ou para quem direccionar esta minha condição? Claro que quando a pergunta é formulada nos termos “porquê a mim?” por norma surge a pergunta de Deus. Implícita ou explicitamente Deus é implicado. Ele participa ou não participa do meu sofrimento? É onipotente ou débil? Esconde-se ou revela-se? Pode ou não pode salvar-me?

Caro irmão frágil, quando Cristo fala do sofrimento – “meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste? (Mt 27, 46) – fala também de si. Por outras palavras, Cristo torna-se connosco sofredor. Por isso, quando Cristo fala na cruz, responde-nos a partir da sua própria dor e não como quem está no alto insensível. Responde-nos que o sofrimento precisa de ser direccionado para a companhia, a presença, o olhar e a compreensão. A resposta – a existir – será sempre escrita com a palavra *presença*.

Na fragilidade necessitamos uns dos outros e o voluntariado cristão pode, precisamente, ser esse sinal da presença. O sofrimento é um fenómeno que ultrapassa a dor física. Não atinge apenas o doente mas também a família e quem lhe é próximo. Assim, a presença da Igreja deverá estender-se, de igual modo, às famílias, cuidadores de saúde e tantos funcionários que no silêncio são pilares seguros do amor desinteressado.



Dáí que, nesta quadra natalícia e encerrando as visitas pastorais ao arciprestado da Póvoa de Lanhoso, me queira dirigir a todas as famílias dos doentes e pedir-lhes que primem pela ternura amorosa de modo que, para além da satisfação das necessidades físicas, os idosos e doentes sintam permanentemente a sua presença como um dom para todos os familiares. Às comunidades paroquiais quero pedir que as equipas sociocaritativas conheçam todos os idosos e doentes e a cada um prestem a atenção que cada um merece. Neste momento recordo, particularmente, as pessoas sozinhas e isoladas. Se o isolamento e solidão crescem diariamente, a comunidade cristã nunca pode esquecer ninguém.

Neste dia, recordo a solicitude dos párocos que mensalmente visitam os seus doentes como verdadeiro serviço de pais espirituais. Também não posso esquecer os ministros extraordinários da comunhão que dominicalmente tornam presentes na vida da comunidade os idosos e doentes através de palavras amigas e da comunhão. Se nas comunidades se multiplicaram as Instituições de Solidariedade, quero testemunhar gratidão a quem presta os seus serviços dentro das instituições ou nas visitas domiciliárias. Que o seu trabalho alie o profissionalismo e exigências legais à solicitude fraterna como certeza de que pertencemos a uma única família.

Também eu, neste dia e como compromisso quotidiano, quero rezar pelos doentes nos hospitais ou em casa, com doença física ou psíquica, nascidos com deficiências ou consequência de actos na vida. O meu Natal será com eles e farei com que cada momento seja de comunhão fraterna com os frágeis da nossa arquidiocese.

+ Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*